A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

PORTO DE LIBREVILLE NO GABÃO

CHRONICA

Uma semana tristissima e lamacenta, feita de sangue, de aguaceiros e de lagrimas.

Sete dias sinistros e humidos como os mausoleos d'um panthéon, negros e horrificos como os sete peccados mortaes. D'istante a instante, uma bategа d'agua e um enterro; o dobre de finados a confundir-se com o sibillar medonho e lugubre da ventania; as lufadas do norte agreste entoando canticos funebres na ramagem negra dos cyprestes, por sobre uma dezena de sepulturas entreabertas e revoltas.

Assim deslisou lentamente a semana, sem deixar saudades; assim decorreu, pausada e vagarosamente, aquelle periodo tristonho, sem que da sua passagem nos ficasse no espirito uma recordação boa e doce, uma só.

E no entanto, houve quem esfregasse as mãos, d'alegria, gozando o espectaculo monotono do cair das chuvas e a *mise en scéne* pavorosamente sinistra do abrir das covas nos arruamentos sombrios dos cemiterios. Houve quem se sentisse alegre:—os lavradores e os coveiros, essas duas entidades ao mesmo tempo tão distinctas e tão simillhantes, que passam a vida inteira a pedir agua ao ceu e cadaveres á terra. Só elles riram, os malvados; só elles poderam encontrar bellezas nas gélidas manhãs d'esses dias invernosos, e encantos sempre novos na lugubre faina de cavar sepulturas.

D'um sabemos nós—o coveiro de Monsão—que não se limitou a pedir mais cadaveres para arremessar á valla encharcada. Esse patife, asqueroso arremedo dos coveiros shakespeareanos, acaba de pedir vinho, em requerimento collado na base d'uma cruz do cemiterio, e pedio-o em verso.

O scelerado, ainda por cima d'atirar com a humanidade á cova, queria embriagar-se, de prazer e de Falerno, á custa d'ella!...

Segundo se deprehende d'este preambulo tetrico-pavoroso, tem chovido a potes nos ultimos dias, e tem-se morrido ainda mais.

A Chronica anda ensopada em agua até aos gorgomilos, e cheia de medo até ao esquecimento profundo e completo dos prazeres mundanos. Já não borboletea alegremente pelos theatros, com receio d'apanhar um aguaceiro e uma pneumonia dupla; ja não se aventura a flanar pelo Chiado, á espreita das *demi-mondaines* arregaçadas que passam, com temor d'um resfriamento e d'uma bronchite aguda. Leva os dias acocorada junto da lareira, muito alheia ao que vae lá por fóra, por esse mundo enorme e revolto, rezando no breviario como um cenobita macrobio, e ouvindo de quando em quando o dobre flagellador dos sinos, que lhe annuncia a ascensão d'alguma boa alma nos paramos do infinito.

Entorpecida e receiosa, não se atreve a arriscar um passo fóra dos seus penates. Vê fabricar, aos centos, listas de novos vereadores para o municipio de Lisboa, e não se mexe, e não pestaneja. Do sr. Rosa Araujo, apontado aos quatro ventos como um administrador municipal perdulario e detestavel, a Chronica só conhece os pasteis de nata, que são deliciosos, e os rebuçados d'ovos, que ainda nenhum outro confeiteiro indigena levou de vencida. Do vereador Fonseca, apenas sabe que lhe não deu nunca a sorte grande em cautellas. Dos restantes candidatos á direcção d'este burgo podre, ignora tudo, os nomes, a historia, as intenções e os feitos, mas está disposta a votar n'elles, comtanto que não chova a cantaros no grande dia, e que tenham pasteis para offerecer aos eleitores. O pastel é a mola real d'este seculo, e deve ser, em todos os tempos, o symbolo d'este municipo lambareiro. Lancem-se, muito embora, contribuições pezadas aos municipes, mas afague-se-lhes tambem o paladar com goloseimas appetitosas.

E' claro que, n'este alheamento completo de tudo quanto a rodeia, e n'esta profundissima semsaboria em que immerge, a Chronica não póde vir fallar de S. Carlos. Limita-se a suppôr que o Cotogni fez prodigios no *D. João*, e que Jourdain fez fiasco no *Rei de Lahore*.

Do theatro lyrico, d'onde anda transviada e arrédia, apenas lhe chegaram ha pouco aos ouvidos os echos dolorosos do pranto de Valdez—pranto amarissimo de pae—que fez emmudecer por instantes as *primas-donnas*, e que impoz silencio á orchestra, quando ella se preparava para desenrolar as suas symphonias rossinianas, electrisada pela batuta vigorosa do maestro.

Esses echos chegaram até nós, e escutámol-os com intensa magua. Eram uma ballada d'amor paternal, cheia de lagrimas, como póde sel-o o canto do Rigoletto, quando vê a filha exanime. Não foi o emprezario que soltou aquelles prantos doloridos, por um revez de bastidores; foi o pae que os verteu, porque a mão impiedosa do destino lhe rasgára subitamente na alma uma *escriptura* promettedora, d'affectos e de caricias.

Pobre Valdez!

No registro d'estes acontecimentos funebres houve, durante a semana extincta, uma infinidade de notas pungitivas. Morreu-se de doença, morreu-se de miseria, morreu-se por amor, morreu-se de vergonha. Fez victimas a tisica, a fome, a paixão e a deshonra. Não se diga, pois, que a honestidade e o amor são perfeitamente incompativeis com os maus costumes do nosso meio corrompido. Ainda ha por cá quem ame devéras e quem seja honrado a valer. Provou-o á evidencia um pobre rapaz, que asphixiou de vez a sua mocidade e o seu futuro nas aguas lodosas do Tejo, por ter visto extinguir-se o calor da vida nos labios da mulher que adorava; testemunhou-o claramente um velho honesto e meticuloso, que suppondo ver murcharem-se, na fronte da filha, as flores symbolicas da innocencia e da virtude, atirou comsigo das alturas de um quarto andar para as pedras angulosas da calçada.

N'este delirio de morrer, até houve quem moresse sem ter realmente morrido, trucidado ás mãos dos senhores *reporters*, a praga mais damninha do seculo dezenove. A morte a que nos referimos foi perpetrada por suas excellencias com a circumstancia aggravantissima de ser um medico o *defunto*, e, por tal signal, um medico que dispõe de robustez phisica para dar e vender a todos os noticiaristas anemicos. Se ao menos fosse o contrario, se a medicina tivesse morto os *reporters*, era mais acreditavel e, sobre tudo, mais justo...

Entre a enorme legião dos infelizes que esta invernia implacavel arremessou ao tumulo, ignorados uns, outros illustres, depara-se-nos á ultima hora, quando a Chronica procurava amenisar a tristeza elegiaca das suas impressões com uma nota alegre arrancada a qualquer facto banal do mac-adam, o cadaver ainda morno de um rei, que era ao mesmo tempo um valoroso soldado, um talento formosissimo desenvolvido na adversidade e no exilio, a mais solida garantia de paz e de ordem n'um paiz onde a ordem e a paz são coisas ephemeras—a Hespanha.

Não o matou o cholera, que affrontára valorosamente, de perto. Não o mataram as balas dos inimigos da dynastia ligitima. Prostrou-o, aos vinte e oito annos, a tisica cruel, que nem a realeza poupa.

Affonso XII deixou viuva a esposa, e orphã a sua patria. Qual das duas será mais infeliz, não o sabemos, mas afigura-se-nos que a Hespanha soffrerá maiores angustias na sua orphandade, que a rainha Christina na sua viuvez.—Desventurada e misera Hespanha!...

CASIMIRO DANTAS.

HISTORIA DA LEGIÃO PORTUGUEZA

AS GUARNIÇÕES EM FRANÇA

A pouco e pouco foram atravessando os Pyreneus os differentes regimentos da legião portugueza, porque Napoleão ia comprehendendo que a sua permanencia em Hespanha era prejudicial á conservação do seu effectivo. Multiplicavam-se as deserções, e um dos regimentos chegou a entrar em França apenas com 160 homens.

Napoleão estava em Bayona com a imperatriz Josephina e com toda a sua côrte. Comprára o imperador uma casa de campo n'um sitio chamado Marrac, a um quarto de legua da cidade. Era um palacete lindissimo, situado na margem esquerda do Nive, e Josephina e as suas damas formavam nas ruas e nos pavilhões dos jardins grupos alegres, em que Napoleão espairecia as preoccupações do seu governo e da sua politica. Os regimentos portuguezes chegavam a Bayona, e marchavam em seguida para Marrac, formavam-se n'uma pequena planicie que ficava por detraz dos jardins, a imperatriz e a sua côrte corriam logo a ver os Portuguezes. Napoleão descia immediatamente, acompanhado pelo seu sequito militar, em que entravam o major general, os marechaes, os ajudantes de campo, os officiaes ás ordens. Faziam-se-lhe as devidas continencias, e Napoleão percorria depois a pé a frente do regimento, examinando os soldados a um e um, como era sempre o seu costume. Depois commandava elle proprio algumas manobras. Pamplona, que estava sempre ao seu lado, traduzia em portuguez as suas ordens, e os nossos soldados manobravam assim á voz do primeiro general dos tempos modernos.

Depois destroçavam, e iam jantar com as tropas da guarda imperial n'uns grandes barracões, que serviam de aquartelamento á guarda. Uma noite a imperatriz Josephina desejou que os soldados cantassem e dançassem algumas das nossas cantigas e das nossas danças nacionaes. Fez-se-lhe a vontade, e, como alguns soldados sabiam dançar o *lan lum*, dançaram-n'o com grande jubilo da imperatriz creoula, que encontrou n'essas danças uma recordação do seu paiz natal.

Bem gratificados, partiam depois os regimentos para as terras em que deviam ficar de guarnição, e que foram primeiro Tarbes, Pau e Auch. Estabeleceu-se em Tarbes o quartel general da legião, e alli foi ter um general francez, o general Muller, encarregado de organisar á franceza as tropas portuguezas.

A primeira coisa que fez foi dar baixa e escusa de serviço aos soldados e officiaes que não estavam perfeitamente em estado de entrar em campanha, e, juntamente com elles, receberam alguns officiaes licença para regressarem a Portugal, mostrando-se o general Muller bastante condescendente n'esse ponto. Quando veio porém a noticia da insurreição portugueza contra o dominio de Junot, essas licenças acabaram. Foi então que o marquez de Alorna concebeu a idéa de regressar a Portugal com a legião, mas houve entre os seus officiaes muitas hesitações, e afinal nada se resolveu.

Entretanto a legião tomava uma nova organisação, e passava a constituir uma divisão com duas brigadas de infanteria, e uma de cavallaria. As duas brigadas comprehendiam seis regimentos de infanteria ligeira, dois regimentos de caçadores a cavallo e um esquadrão de artilheria ligeira. Cada regimento de infanteria devia ter dois batalhões, cada batalhão duas companhias e cada companhia 140 homens. Cada regimento de cavallaria compunha-se de quatro esquadrões, cada esquadrão de duas companhias, e cada companhia de 100 homens. Finalmente formou-se um batalhão de deposito para a infanteria e um esquadrão de deposito para a cavallaria. O 6.º regimento de infanteria nunca se chegou a organisar, nem o esquadrão de artilheria tambem.

O marquez de Alorna continuou a exercer nominalmente o logar de commandante em chefe da legião, e Gomes Freire o de segundo commandante; o commando da 1.ª brigada de infanteria coube a D. José Carcome, o da 2.ª fôra dado a João de Brito Mousinho, mas, como este official obtivera licença para regressar a Portugal e nunca mais reapparecera, a sua vaga tambem nunca foi preenchida. Pamplona recebeu o commando da brigada de cavallaria, e foi nomeado chefe de estado-maior da legião o brigadeiro D. Manuel de Sousa.

Os coroneis do 1, 2, 3, 4 e 5 de infanteria foram respectivamente os coroneis Joaquim de Saldanha, marquez de Ponte de Lima, Francisco Antonio Pego, conde de S. Miguel e José de Vasconcellos. Este ultimo viera de Portugal com despachos de Junot, e não lhe fôra permittido regressar ao reino. Os dois regimentos de cavallaria tiveram por commandantes os coroneis Roberto Ignacio e marquez de Loulé. Finalmente, para ficarem dirigindo o batalhão e o esquadrão de deposito vieram destacados do exercito francez dois officiaes, mr. Catelain e mr. de Jumilhac.

Organisada d'esta fórma a legião, recebeu ordem para abandonar as suas guarnições nos Pyreneus, onde estavam muito proximos da Peninsula, e para irem guarnecer o territorio francez mais proximo dos Alpes. A força principal da divisão ficou em Grenoble com o marquez de Alorna: eram o 2, o 3 e o 5 de infanteria; o 1 foi para Valence, e o 4 para Romans. Os dois regimentos de cavallaria guarneceram a bonita cidade de Gray.

Digam o que disserem os dois escriptores, que narraram a historia da legião portugueza, Pereira de Mesquita e Theotonio Banha, os nossos soldados não se deram mal n'essa terra estrangeira, nem se mostraram muito descontentes do serviço. Eram tratados pelo imperador, pelos seus generaes, e pelos seus soldados exactamente como se fossem francezes: ou, se alguma differença havia, consistia simplesmente em serem os nossos mais amimados. As populações francezas mostravam a esses estrangeiros o mais cordial affecto, e entre estes e os habitantes se travaram relações de estima que não contribuiram pouco para attenuar na alma dos proscriptos as saudades sempre vivas da patria, e que deixaram no animo dos francezes um fermento de sympathias por Portugal.

Muitas vezes me admirei de encontrar na colonia franceza de Lisboa alguns individuos naturaes de Romans, uma pequena cidade do Delphinado, que não tem com Portugal relações de especie alguma. Como vieram de Romans a Portugal estes emigrantes? Lendo-se a historia da legião portugueza, fica esse facto realmente explicado. Um dos regimentos de infanteria da legião, o 4, esteve de guarnição em Romans. Foi assim que os habitantes d'essa pequena cidade tiveram conhecimento talvez até do nome de Portugal, e foi por isso sem duvida que alguns dos seus filhos, querendo tentar fortuna, se lembraram de vir a Portugal para esse fim

Houve comtudo ás vezes em França para os nossos soldados algumas horas bastante amargas. Uma d'ellas foi quando tiveram conhecimento da convenção de Cintra. Foi o *Monitor* de 13 de novembro de 1808 que publicou o texto da famosa convenção. Encheram-se de jubilo os Portuguezes, vendo que estavam emancipadas do jugo imperial as terras da patria, mas ficaram surprehendidissimos quando viram que n'essa convenção nem uma palavra se estipulára ácerca da legião. Os vinte mil francezes de Junot, reduzidos a capitularem, saíam comtudo livremente com armas e bagagens, e os portuguezes da legião continuavam, abandonados pelos seus compatriotas, ao serviço da França! Tão inverosimil era semelhante olvido que se chegou a suspeitar que os Francezes tivessem publicado truncada a convenção de Cintra. E tão arraigada estava esta idéa que todos acceitaram esta versão absurda como verdadeira, e começaram esperando a cada momento que viesse algum navio inglez buscal-os para os conduzir a Portugal. Quando tiveram de reconhecer em fim que eram vãs as suas esperanças, foi tal a sua angustia que alguns dos officiaes d'isso morreram. Citaremos a tres designadamente: o chefe de batalhão Julio Francisco Torres, o capitão Francisco José de Sousa e o tenente José da Silva Ferro.

Mas os que ficaram tiveram de se resignar, e d'ahi por diante nunca mais houve tentativas de fuga da parte dos nossos soldados. Napoleão sinceramente se esforçava por conquistar o animo d'aquelles rebeldes filhos do Occidente, e, se lhe era impossivel apagar n'esses espiritos e n'esses corações a idéa da patria, não lhe era egualmente difficil fazer com que elles preferissem, nas campanhas em que os fez entrar depois, o serviço francez á deserção para os Allemães ou para os Russos.

Quando se tratou de se organisar o exercito para a campanha da Austria, Napoleão quiz levar os Portuguezes, mas não quiz fazel-os entrar logo todos em campanha. Ordenou portanto que se formasse uma meia brigada, como se chamava aos regimentos no tempo da republica, meia brigada que se devia formar com as companhias de flanco dos regimentos, que eram n'esse tempo companhias de soldados escolhidos pela sua altura e pela sua robustez. Os cinco regimentos de infanteria da legião tinham dez companhias de granadeiros e dez companhias de atiradores, duas por cada batalhão, Napoleão ordenou que se tirassem oito de granadeiros e quatro de atiradores, que se completassem com homens das outras companhias que fossem dignos de figurar entre soldados escolhidos, que se lhes aggregassem os melhores officiaes da legião, formando-se tres batalhões de seiscentos e quarenta homens cada um, incluindo dezeseis officiaes. Dois d'esses batalhões eram de granadeiros, e um de caçadores. Foi esta meia brigada que representou um brilhante papel na famosa campanha que terminou em Wagram.

PINHEIRO CHAGAS.

OS CRIMES ELEGANTES

I

No convento

(CONTINUADO DO N.º ANTECEDENTE)

—Sabes como eu era feliz, verdadeiramente feliz, completamente feliz aqui? dizia em voz baixa a condessinha á sua amiga.

—Como?... O que te falta?

—O que me falta, Clarinha? Falta-me em vez d'esse phantasma que está ahi no meio do quintal, sempre com o ar carrancudo, os olhos no chão, com uma bocca que nunca ri e uma testa que nunca se desenruga, ver ahi, no meio d'essas flores, a minha pobre mãe, a minha querida mãesinha...

E a condessinha, com os olhos rasos d'agua, curvava-se toda sobre o seu *crochet*, para que lhe não vissem as lagrimas que escorregavam mansamente, sobre as suas faces ligeiramente coloridas.

—Coitada! minha pobre Elisa! respondeu-lhe Clarinha deixando o *crochet* e abraçando a sua nova amiga, coitada! Tambem eu não tenho mãe, vês? E apesar de ser muito nova quando ella morreu, tenho tambem muitas saudades d'ella, muitas! E parece-me que estou a vêl-a a todo o momento, e todos os dias quando me levanto e quando me deito me farto de resar por ella, coitadinha! Era tão bonita a minha mãe!

—A minha não era bonita: era boa, era uma santa! Ai! filha? tu não imaginas o que ella era de boa! Eu estava sempre, sempre ao pé d'ella: dormiamos no mesmo quarto. D'antes, quando ella tinha saude, andavamos todo o dia pela quinta a tratar da vindima, a tratar da eira, a tratar da apanha da fructa, do amanho da criação. Todos os annos, em sendo o mez d'abril, mandava deitar duas gallinhas para mim. Isto desde muito pequenina: depois vinham as ninhadas muito grandes, muitos pintainhos todos do mesmo tamanho, muito espertos, muito amarellinhos como canarios, muito desinquietos: e eu dava-lhes milho miudo, dava-lhes bocadinhos de pão, e gostava muito de os vêr á bulha, aos seis e aos sete, por causa de uma côdea que nenhum d'elles, no fim de contas, podia comer. E minha mãe ria muito commigo,—com as minha risadas, e á noite deixava-me levar a gallinha e a ninhada para o nosso quarto, para eu os ver dormir e adormecer ao pé d'elles. E ficou sempre fazendo o mesmo, e até este anno, pobre mãesinha, já quasi sem poder andar, foi ella mesma escolher as gallinhas ao pateo, para m'as deitar, e os pintos lá ficaram, coitados! E ella tambem! Ah! menina! que feliz que tu foste em tua mãe te morrer quando eras muito pequenina. Não te lembras de tudo isso, da doença, da morte. Ai! a morte! Que horror! Que enorme horror! A gente ver a nossa querida mãe estendida n'uma cama. Chamal-a, e ella não responder, beijal-a e encontrar fria como a pedra, aquella pelle amarella como a cera, pegar-lhe na mão e a mão cahir morta, pesada, como um saco de chumbo; fitar aquelles olhos abertos, muito abertos mas que já nos não podem vêr...

E depois o caixão, os padres, o enterro, e levarem-nos de casa aquella creatura estremecida, adorada... Ai! não sei como se póde ver tudo isto e não estoirar ali de dôr, não se desfazer a gente toda em lagrimas, e ter ainda falla para contar, e memoria para o recordar...

E a pobre Elisa, a pobre condessinha, já não tentava sequer esconder o pranto que lhe rebentava em brobotões dos seus formosos olhos negros de morena, e tinha estremecimentos convulsos, calefrios de horror, ao pensar em todas essas dilacerantes scenas desoladoras porque passára ha semanas ainda...

—Então, Elisa, então minha filha, disse Clarinha n'um tom cheio de carinho maternal, e desesperando-se, por não encontrar nada, nada, com que consolar aquella grande e justissima dor; então tens teu pae ainda, filha, tens teu pae: és mais feliz do que eu, que nem sei ha annos por onde meu pae anda, que de vez em quando só recebo uma carta lá de muito longe, da America, a dizer-me que elle vive ainda.

—Meu pae! meu pae! não me falles n'isso, menina! Em toda a minha vida desde que me conheço tenho visto meu pae meia duzia de vezes, se tanto! Somente lá pelo verão apparecia, e não em todos os annos, em nossa casa. Viveu sempre ou no Porto ou em Lisboa, tinha muito que fazer, e mesmo nos dias em que ia a nossa casa, n'esses mesmos poucos dias, mal fallava comnosco: era a casa sempre cheia de gente, de visitas a jantar, e nunca tinha tempo para me beijar sequer. Quando eu me chegava a elle, mandava-me logo embora, com muito bom modo, mas com um modo sêcco, um modo d'estranho. «Preciso tratar d'uns negocios, minha filha, preciso fallar com este senhor, vae la para dentro, sim?» e dava-me um beijo empurrando-me para a porta. Não ralhou nunca commigo, nunca; minha mãe ralhava muitas vezes, todos os dias quasi, mas que differença entre ella e elle!...

—Ah! tua mãe ralhava muito comtigo?

—Ralhava, e muito a serio, mas eu não tinha medo nenhum: tinha mais medo das festas do meu pae. E depois ella dava-me tantos beijos, fazia-me tantas festas, para não me entristecer por se ter zangado commigo, que eu estava sempre a desejar que ella me ralhasse para depois fazermos as pazes...

—E agora, quando tu vieste para Lisboa, teu pae?...

—Recebeu-me muito bem, foi esperar-me ao caminho de ferro, deu-me um abraço quando eu me apeei, levou-me para um hotel muito bom, esteve oito dias quasi sempre a fazer-me companhia: mas nem uma lagrima, nem uma palavra ácerca de minha mãe! Muito amavel sempre, procurando distrahir-me quando eu chorava, fazendo tudo para me ser agradavel—isso honra lhe seja—mas não sei porque, não me parecia meu pae, parecia-me um estranho, fazia ceremonia com elle, e quando elle me trouxe para aqui, para o convento, apesar de não conhecer aqui ninguem, tive um suspiro d'alivio! Parece que o meu coração adivinhava que te vinha encontrar a ti, a ti com quem eu me entendo, como me entendia com minha mãe, a ti que, apesar de nos conhecermos ainda não ha um mez, és já a minha unica familia...

—E teu pae é novo ainda?

—Não sei. Mas deve ser, mas parece. Tem o cabello muito preto, um bello ar de homem: alto, forte, muito direito, sempre muito bem vestido, com um grande bigode preto muito retorcido, pera comprida como um militar, um ar muito risonho, muito amavel, mas que tem um não sei que de seriedade escondida, de bondade contrafeita, que não põe a gente á vontade, que faz uma certa impressão...

—Oh! pois meu pae é muito bonito, e muito alegre e muito bom! interrompeu com enthusiasmo Clarinha. E'? Era! As ultimas vezes que o vi já não parecia o mesmo.

—Que? Estiveste muito tempo sem o vêr?

—Não: fez uma differença enorme de um dia para o outro.

—D'um dia para o outro? perguntou muito admirada a condessinha.

—Sim; meu pae era muito meu amigo, era uma doidice por mim, era como tua mãe, com a differença de que nunca me ralhava! Minha mãe era tambem minha amiga, mas fazia-me menos as vontades, importava-se menos commigo, não era como meu pae.

—Tua mãe morreu muito nova?

—Morreu, muito nova e muito bonita. Era uma belleza, não imaginas, a minha mãe. Eu era muito pequenina n'esse tempo mas lembro-me muito bem d'ella, muito bem, como se estivesse a vêl-a. Era alta, muite elegante, branca que parecia papel, tinha uns olhos muito pretos e muito grandes...

—E cabellos louros como os teus?

—Não, cabellos pretos como azeviche. Meu pae é que tinha cabellos louros, e lembro-me muitas vezes—como estas coisas pequenas, insignificantes, nos ficam na memoria!—lembro-me muitas vezes de ouvir minha mãe ao jantar dizer ao papá:—Quem me déra ter os cabellos da côr dos teus! Um dia pinto-os.—Eu ria muito d'ouvir a mamã dizer que havia de pintar os cabellos, e o papá, não sei porque, zangava-se muito com ella por dizer isso, e n'esses dias o jantar acabava sempre ficando os dois amuados. Eu então ia para o collo do papá, fazia-lhe muitas festas, pedia-lhe para fazer as pazes com a mamã; elle dizia-me que estavam feitas, que eu era uma patetinha, que não estavam de mal. Levantava-se, dava-lhe um beijo e ficava tudo bem.

—E de que foi que tua mãe morreu?

—Não sei, foi de repente.

—De repente?

—Sim, uma noite o papá tinha jantado mais cedo e tinha-se despedido de nós, dizendo que ia para o Porto n'essa noite, que tinha que tratar lá d'uns negocios. A mamã deitou-me muito cedo, dizendo-me que como o papá não estava em casa se deitavam todos mais cedo. Lembro-me perfeitamente que me fartei de chorar antes de ir para a cama: não tinha somno e queria brincar. Minha mãe não deixou, ralhou, e até me bateu para eu me deitar na cama. Quando estava no melhor do meu somno, ouvi no quarto do papá e da mamã, que era ao lado do meu, muita bulha; ouvia fallar: pareceu-me conhecer a voz do papá! e puz-me de cá, a gritar «Papá! Papá!» Era elle. Veiu ao pé de mim e disse-me: Dorme, dorme, minha filha! Anda, dorme, eu estou aqui ao pé de ti.—Então o papá não foi para a viagem?—Não, esqueceu-me uma coisa, vou amanhã, e tu vaes tambem commigo.—Oh! que pechincha, como o papá é amigo! E adormeci muito contente.

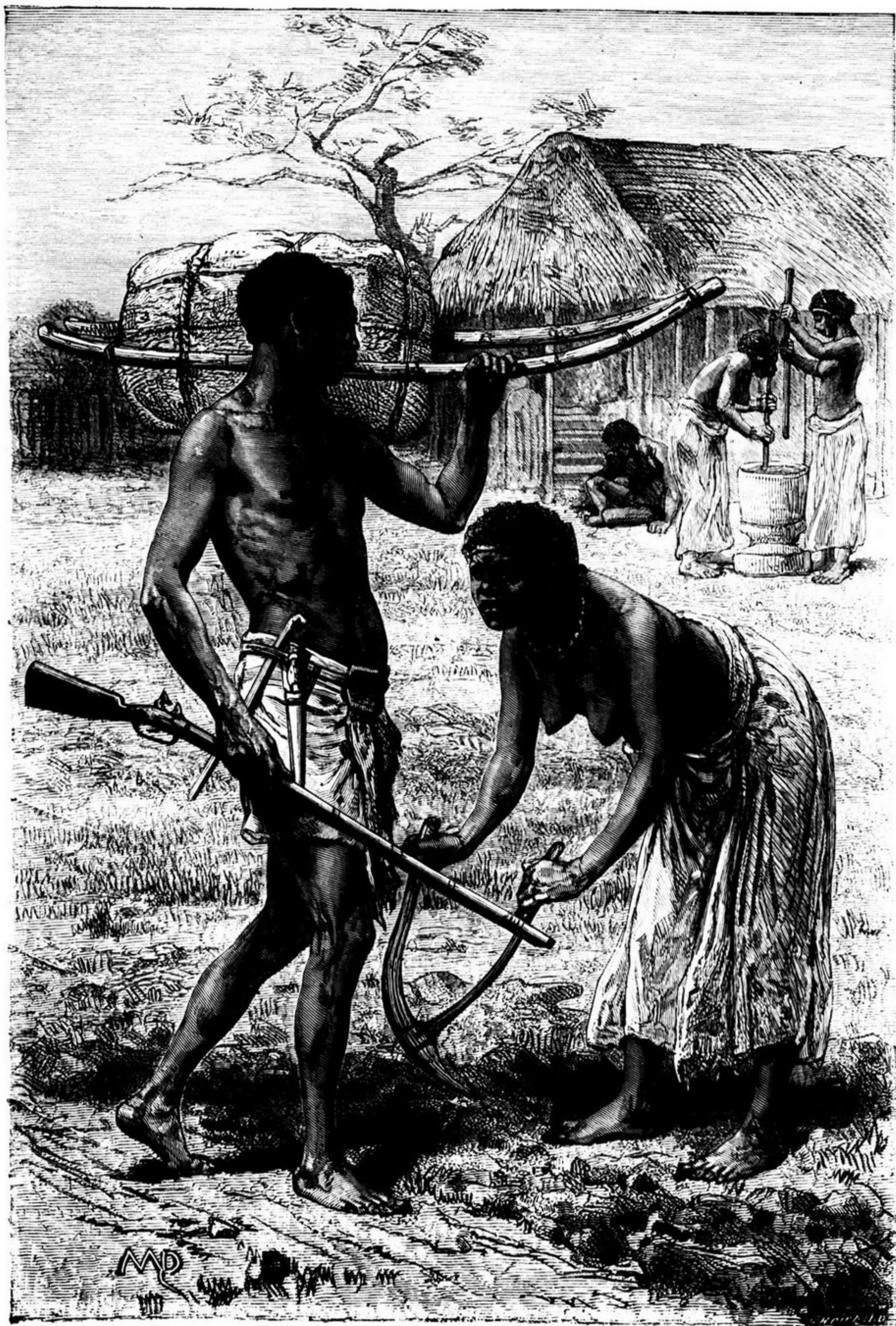
—E foste?

—Fui; apenas accordei o papá mesmo é que me vestiu. Tinha já a minha mala prompta. «A mamã? perguntei-lhe eu quando me levantei, muito admirada de não a ver em casa. A mamã já lá vae: foi mais depressa para tomar logar no caminho de ferro. Metteu-me n'um trem e fomos. No caminho de ferro não estava a mamã. Perguntei por ella ao papá; elle então disse-me que naturalmente tinha ido a casa da avó, tinha-se demorado e que lá iria ter ao Porto. Mas não foi. O papá andava tristissimo, não parecia o mesmo. Eu fazia-lhe festas, dava-lhe muitos beijos, e elle ainda chorava mais. Finalmente, como a mamã não apparecesse e eu não fizesse senão perguntar por ella a cada instante, elle contou-me que a mamã não ia porque tinha morrido. E vestiu-se de preto e a mim tambem. Depois, d'ahi a tempos veiu para Lisboa, para outra casa. O papá disse-me que tinha que ir viajar muito longe, que não me podia levar comsigo; trouxe-me para aqui, recommendou-me muito ás mestras, e quando se foi embora, quando veiu despedir-se de mim, chorou tanto, tanto, que toda a gente cá no convento ficou tambem a chorar.

—E depois?...

—Depois, isto foi ha seus oito annos, tenho tido cartas d'elle, cartas muito grandes; tem-me mandado muitos bonitos, muitos doces e muitos passaros, e diz-me sempre que ha de vir buscar-me um dia, para não me separar mais d'elle.

—E não tens retrato nenhum de tua mãe?

—Não. Lá em casa havia um muito bonito, que era tal qual ella; mandei-o pedir ao meu pae, agora, depois de ser mais ve-

INDIGENAS DO BIHÉ

lha, mas elle mandou-me dizer, que havia perdido esse retrato n'um fogo que tinha havido no hotel em que estava.

(Continúa.) GERVASIO LOBATO

E' TARDE!

E' tarde, é muito tarde! O fogo santo
dos affectos, n'est'alma já não arde!
Ai, não venhas, mulher, amor pedir-me,
é tarde, é muito tarde!

E's bella... mas que importa ao pobre morto
a luz do cirio que lhe véla o somno?...
Oh! vae-te... não despontam nunca flores
entre os gelos do outono!

E' tarde, é muito tarde! Quanto havia
na minha alma de bom, de puro e santo,
a descrença o velou, fatal destino,
em seu algido manto!

Era alegre e feliz: em tudo cria,
no bem, no mal, do amôr na luz infinda;
porém hoje, ai de mim, só em Deus creio,
se n'elle creio ainda!...

Bem vês... é muito tarde! A existencia
não tem já p'ra mim gosos, nem doçuras!
não tem - que no meu peito impéra hoje
a paz das sepulturas.

Assim, não venhas mais pedir sorrisos
a fria estancia que não tem alvóres;
não venhas, não— que esta alma é templo negro
sem altares, nem flôres!

Pesqueira. PINTO FERREIRA.

O SONHO DE BÉBÉ

A IZABEL ROMA RATTAZZI

Bébé dormia no seu pequeno leito de acaju, muito fofo das maciezas do *édredon*, todo de algodão em rama e setim azul celeste. No travesseiro de rendas, de uma alvura delicada e leve como espumas de leite, a cabecinha encaracolada e loira de bébé doirava-se, mergulhando na meia luz coada pela lampada de alabastro suspensa do tecto, banhando o quarto de uma especie de luar aljofarino e tepido...

Na rua, o nordeste acutilava, como um fino punhal de Toledo, e pe'o escuro mac dam as carruagens rodavam, riscando na sombra fugidia dois traços sanguineos e arrebatando para o theatro, ao trote largo da parelha folgada, as mulheres do alto chic, enroscadas nas pelles das *sorties de bal*, ennoveladas em setins e rendas, impregnadas de perfumes caros, constelladas de diamantes, accendendo na brusca passagem dos trens clarões fugaces, explosindo das espiras facetadas como pequenas descargas electricas.

A janella avistava uma nesga de céo, de um azul doente, onde as estrellas tremiam como pingos de neve crystalisando-se na agua estagnada de um lago.

Ao longe, a cidade rumorejava; sentia-se a ondulação da grande vida no inverno, affluindo torrentuosa para os dois centros culminantes: Chiado e S. Carlos.

Bébé dormia, aconchegado na sua caminha algodoada e morna,—um ninho flacido preparado com amor para um pardalito implume.

No quarto do toucador, fronteiro á alcova, a mamã bordava, curvando a cabeça melancolica, de um contorno aristocratico, emmoldurada de cabellos pretos, torcendo-se como um ninho de cobras no alto da nuca, de uma suave alvura de camelia branca.

No marmore do toucador, um ramo de azaleas escarlates, delicadamente disposto em uma jarra de kaolim, resaltava, recortando na clara luz do gaz as suas côres estridentes.

No silencio glacial do vasto palacete, precedido de um amplo vestibulo reluzente de crystaes concavos e de mognos polidos, guarnecido de extensas salas tapetadas, affestoadas de sedas e velludos, ouvia-se apenas, áquella hora de uma noite de inverno, o murmurio da respiração de bébé, subtil como o fremito da aza de uma borboleta roçando a petala de uma rosa.

De subito, a mamã largou o bordado, e immovel, o olhar profundo e languido velado de uma sombra, a fronte avincada de uma preoccupação, cruzou os braços e absorveu-se, meditativa, na contemplação das azaleas...

As flores, tingindo-se de um vermelho sanguineo no brilho ardente e cru, irradiado dos candelabros, punham uma nota impetuosa, quasi violenta, na calma monotonia do gabinete; cinzelavam-se em relevos subitos, accendiam-se convulsivamente, animavam-se de um colorido intenso, como que se lhes circulasse na haste uma estranha seiva, e pareciam viver, palpitar e quererem soltar-se dos engastes verdes para virem morrer no seio tremulo da formosa, que empallidecia, contemplando-as...

Trouxera-lhe *elle*, na vespera á noute, esse precioso ramo, raro no inverno, em que nem mesmo a elevada temperatura das estufas consegue vivificar os corpinhos ephemeros e frageis d'essas princezinhas do reino vegetal, pobres *frileuses* que empallidecem e succumbem na estação inclemente, e que só teem sorrisos rubros e desabrochamentos festivos na primavera, quando a terra rejuvenescida se avelluda de um tapete de musgos e quando os beiraes dos telhados se povoam de uma colonia de andorinhas.

Não, ella não o amava, não queria amal-o, não podia nem devia...

Mas n'essa noite fria, n'esse silencio desolador, sentia mais do que nunca a tristeza d'aquelles que caminham na vida desamparados do amor, ardentemente sonhado...

As suas illusões mortas, como que se levantavam do tumulo do passado, arrastando-a, inconsciente, a uma vaga esperança no futuro...

Mentira-lhe aquelle supremo amor da sua inexperiente mocidade, extinguira-lhe para sempre na pobre alma envelhecida a crença, que era a sua força, o enthusiasmo, que era a sua alegria.

Fugira-lhe dos braços, como uma sombra vã, no momento em que ella julgará havel-o conquistado, captivando-o nos indosoluveis laços do casamento!...

De repente, porém, fitando a cabecinha loira do filho, a sua boquinha rosada e fresca, a sua pelle branca e setinosa, a immaculada pureza da sua fronte de anjo, onde a aguia do pensamento esboçava e primeiro vôo, veio-lhe uma dôr aguda, um horror instinctivo, sentiu-se peccadora, mesmo sem ter peccado, e, mentalmente, prostrou-se de joelhos, arrastou-se em adoração aos pés do seu louro cherubim, que dormia serenamente, castamente, ouvindo-se no ar o murmurio subtil da sua respiração, leve como o fremito da aza de uma borboleta roçando a petala de uma rosa.

* * *

Nas salas da viuva Sepulveda dançava-se animadamente.

As valsas e as contradanças succediam-se em um furor choreographico, na plenitude do qual as casacas dos homens, enlaçando os tulles diaphanos, as rendas vaporosas, as pedrarias reluzentes, contorneando espaduas nuas, de uma flexibilidade serpentina, pareciam enormes borboletas pretas enxameando em torno de uma colossal *corbeille* de flôres.

A's 11 horas da noute fez-se no baile um parenthesis admirativo: a apparição de madame Delaville, uma parisiense expatriada do *demi-monde*, uma belleza retocada a creme virginal e carmim imperial, um monstro encantador, de uma garridice provocante, com artificios complicados e perversidades seductoras!

Um cortejo de admiradores rastreou a entrada da rainha do baile, —um *truc* armado pela viuva aos convidados arredios,—commentando com interjeições incisivas, de um francez nem sempre correctamente voltairiano, a curva branca e sensualmente torneada dos hombros, o fulgor dos olhos da sereia, de um azul metallico, o loiro russo dos cabellos, o loiro *cinza de rosas*, como lhe chamou Catulle Mendès.

Guilherme Leopoldo foi convidar madame Delaville para uma valsa. Depois, offereceu-lhe o braço e conduziu-a á salinha japoneza, uma sala pequena, decorada de écrans de seda fantasticamente pintada, de jarras chinezas, de biombos sulcados de minaretes, guardada por dois mandarins obesos e separada da sala do baile por uma galeria-estufa, guarnecida de plantas e aves exoticas.

—A que hora partimos ámanhã? perguntou Guilherme Leopoldo, enlaçando a cintura da franceza e beijando-a com sofrega ternura.

—A' meia noite, a hora dos mortos, volveu a parisiense, fugindo ao beijo e atirando-lhe uma gargalhada.

—Má! suspirou Guilherme Leopoldo, ajoelhando e tentando attrail-a: Já arranjei tudo. Passaremos oito deliciosos dias em Cintra.

—E o dia dos annos de sua esposa? *Fi donc!* exclamou madame Delaville, coando pelos labios estreitos,—um til pintado a capricho,—um sorriso insolentemente desprezador. O obstaculo, meu caro, é o meu *cauchemar*. Desisti logo. E para não perder tudo, inventei um passeio a Santarem. Acompanhar-me-ha o visconde d'Aubry...

—Juro-lhe que não irá! rugiu Guilherme Leopoldo, levantando-se n'um impeto feroz e sacudindo-lhe os braços. O visconde é um cynico e a senhora é uma impudente!

—Eu já ouvi isso em uma drama de D'Ennery, volveu madame Delaville assentando-se impassivel e abrindo o leque.

UMA NOVELLA INTERESSANTE

—Perdoe-me, emendou Guilherme Leopoldo, pegando na mão da franceza e cobrindo-a de beijos. Diga que vae commigo para Cintra! Trouxe do Leitão o bracelete em que me fallaste; queria, eu mesmo, cingil-o ámanhã, aqui, concluiu, pondo um beijo no pulso da parisiense, onde ardia, em uma fulguração de incendio, um enorme solitario,—a firma de um célebre principe Saxonio, que costuma deixar o seu monogramma, aberto em diamantes, no braço de todas as Venus com quem sacrifica, nos gabinetes particulares, ao culto do deus Baccho.

—Acceitarei o bracelete, volveu a franceza, erguendo-se arrebatadamente e envolvendo o amante em um longo olhar sensualmente felino. Com uma condição. Vá já buscal-o e traga-m'o!

* * *

Bébé dormia, voltado para a cama da mamã, que fôra beijal-o, fallar-lhe ao ouvido, dizer-lhe, em um arrulho de pomba, umas meiguices pueris, as palavras, doces como beijos, de uma unctuosa e ineffavel suavidade acariciadora, de que só as mães possuem o segredo, e que se exhalam de seus labios como o delicado aroma de uma flor.

Em seguida, a mamã deitara-se, e bébé, acordado pelo beijo materno, adormecera em um sorriso de uma candura ideal, que dava á sua encantadora cabecinha loira o aspecto do cherubim de Raphael, contemplando extatico a radiosa Madonna.

De subito, o riso agitou os labios da creança, a sua cabeça annelada tentou erguer-se, as suas mãosinhas estenderam-se no vacuo.

Bébé sonhava que via o papá, o papá que elle só de fugida avistava, approximar-se da mamã, da querida mãesinha, ajoelhar-lhe aos pés, offerecer-lhe uma linda pulseira de brilhantes, que luziam como estrellas, pedir-lhe perdão e cair-lhe nos braços.

Então, bébé mexeu os beiços, quiz fallar, agradecer a alegria que elle causava á mãesinha, e já sem medo nenhum dos grandes bigodes do pae, que o intimidavam, pendurar-se-lhe do pescoço e devoral-o com beijos...

A creança abriu os olhos, e assentou-se na cama.

O pae, de casaca e gravata branca, caminhava nos bicos dos sapatos de polimento.

Bébé contemplava-o no estonteamento de um meio sonho.

Guilherme Leopoldo foi direito a uma mesa, abriu a gaveta e retirou um estojo.

Logo, fez saltar a mola da tampa, e no velludo granada do setin fuzilaram os brilhantes, illuminando-se como pequeninos olhos coruscantes.

Bébé, maravilhado, vendo a realidade do seu bello sonho, sustinha a respiração. Inconscientemente, a creança não queria mexer-se, nem olhar, nem respirar, receiando afugentar a visão encantada que enchia a sua pequenina alma de commoções deliciosas.

Mas não podendo já conter-se, impaciente de saltar ao pescoço do pae, deu um pulo, correu, leve como a pluma de uma aza, e atirando-se-lhe aos braços, perguntou, com a sua doce voz musical:

—E' o presente de annos da mamã?

* * *

O sonho de bébé realisou-se.

Guilherme Leopoldo acordou á voz do anjo.

O ramo das azaleas morreu no seu esquife de kaolim; e a feliz mãe recebeu n'essa noite o mais precioso de todos os brindes natalicios, ao readquirir a posse do coração que julgara irremediavelmente perdido.

GUIOMAR TORREZÃO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Na musica e no homem existe esta moeda—1—1
Esta herva pode matar este homem—2—1.
Procura esta mulher n'esta outra—2—2.
Este pronome no corpo é um fructo—1—1.

Porto. M. M. & M.

Este elemento e esta asquerosa enfermidade formam uma mulher—1—2.

Esta egreja não é cega, é alegre e prende este homem—1—1—1.

PINTO.

Não a quero porque é alegre na Dinamarca esta mulher—1—1—1.
Esta flor cercada d'agua é planta—2—2.

J. A. D.

Esta ave bebe-se no inverno—2—1.
Come-se, come-se e come-se—2—1.
Este homem é animal e peixe—1—2.
Santa Comba Dão.

D. V.

EM VERSO

Se a esta peça de roupa
Tirares a sentinella,—2.
E juntares uma féra
Tendo cuidado com ella,—2.

Has de achar um general
Pequeno, baixo, mal feito,
Mas valente e destemido
Como este do meu conceito.

C. SERTORIO.

Tenho entrada no theatro,
Sem nunca ter que pagar.
Se a quem me vê não alegro,
Tambem não faço chorar—3.

Minha vida é mui cançada,
Por jamais poder parar—2.
P'ra viver cá n'este mundo
Vês-me sempre a trabalhar.

IGNOTO.

CHARADA TRIANGULAR

(A' ex.ma sr.a D. Maria do Carmo da Silva Reis)

Se por este off'recimento
Te provo grande affeição,
Acredita, minha bella
Que é teu o meu coração.

. . . . Em creança me foi dado
. . . Este manto conhecido.
. . Não me agrada mesmo nada,
. E é vogal, está sabido.

J. VELLOZO.

ADIVINHAS POPULARES

Nós somos ambos irmãos
E da mesma geração;
Sempre, sempre vou á missa,
E não vae lá meu irmão.

Para bodas e banquetes
A mim me convidarão.
Para gostos e guizados
Fallem lá com meu irmão.

Sem ser rosa tenho espinhos;
Tenho fios sem ser teia;
Posso supprir por parede
Sem ser cal, pedra ou areia.

Conservo prestimo grande
Para coisas delicadas,
Que já foram muito moda
E são hoje pouco usadas.

Pelos ladrões sou temida,
E meu dono em mim descança;
Quando me vejo mais velha,
Tenho commigo uma lança.

PERGUNTA ENIGMATICA

(Ao distincto charadista portuense, Luiz Monteiro Guimarães)

Qual é o adverbio que invertido é um jogo?

Porto. M. M. & M.

LOGOGRIPHOS

(POR LETTRAS)

Nas ceáras encontrei – 1—8—4—8.
Da justiça um empregado,—2 – 5—8.
Que pegando n'esta planta—5 4 8—7—3—8.
Viu um peixe desejado.—6 – 4 —7—8.

Se queres, meu charadista,
O logogripho matar,
Fica desde já sabendo
Que é planta muito vulgar.

Ajuda. CZAR.

Com *M*, sou dama leitor—9 – 7 – 9—4 8—11.
Com *A*, sou inda mulher—2—9—4—7—8—6—11.
Com *R*, senhora, senhor—7—8 —1—10—8—4.
Com *I*, outra dama: que quer?—2—9—4—7—11.
Com *A*, eis ahi meu amor. 7 – 8—4 – 8—7—11.

Se este logogripho
Decifrar quizer,
Tem de procurar
Nome de mulher.

Faro. F. L. d'Assis.

CARTA LOGOGRIPHO

Amigo e collega M. Gama.

Castello Branco.

Ao passar por—1—6—4—5—9, encontrei uma—2 - 6—4—1—8—3, monstro fabuloso: á vista d'ella, tive de me valer d'uma—6—4—5—9, que por acaso levava. Felizmente, não houve perigo algum a lamentar.

Teu amigo e collega obrigado.

H. Rodrigão

PROBLEMA

Suppondo que no jogo do bilhar ás 24 carambolas João dá a Pedro 12 de partido, e que Pedro a Francisco dá 16, pergunta-se quantas deverá dar João a Francisco, se estes jogarem um com o outro.

M. d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas novissimas:—Camello Calvario - Manometro — Sineta—Regedor—Caparica—Infanteria.

Das charadas em verso:—Mimoso—Poeta.

Da charada em quadro:

Es	co	ri	a
co	to	pa	xi
ri	pa	gur	pe
a	xi	pe	to

Das charadas telegrammas:—Labaça—Pagod —Catopa—Galant—Belota Talisca—Macaco.

Do logogripho:—Pergaminhos.

Do enigma:—Yaouri.

Do problema:—Sendo *n* o numero de voltas que o disco faz por segundo, e *p* o numero de fendas, deve ser $\frac{1}{np} = \frac{1}{20}$ ou $np = 20$. Portanto, o problema resolve-se por ex., havendo 4 fendas no disco animado d'uma velocidade de rotação a que correspondem 5 voltas por segundo.

RECTIFICAÇÃO

Na charada em **M**, do n.º 18, onde se lê:

A segunda junta á quarta
E' um peixe mui vulgar, etc.

Deve lêr-se:

A primeira junta á quarta
E' um peixe, etc.

A RIR

N'um baile de mascaras da Trindade:

Um gommoso enlaça ternamente um dominó e segreda-lhe com paixão:— Juro-te que seria feliz consagrando-te a minha vida!

E ella, sorrindo:

—Não vale a pena. A bolsa é sufficiente!

*

—Conhece o doutor Elias?

—Perfeitamente.

—A sua reputação, como medico, parece-me universal, hein?

—Sim, estende-se até ao outro mundo!

*

Ha pessoas que teem o ar de sujas. Nascem com aquelle feitio, e não ha nada que possa fazer com que pareçam limpas.

Fallava-se ultimamente d'um rapaz, que tinha a infelicidade de ter a apparencia de sordido.

—Mas porque se não lava elle? observou alguem.

—Elle lava-se, respondeu um amigo que se achava presente: mas tem a desgraça de *sujar o sabonete!*

UM CONSELHO POR SEMANA

LIMPEZA DAS LUVAS BRANCAS

Introduzem-se as luvas n'uma mistura d'espirito de vinho e de gemmas d'ovos, e tiram-se logo para fóra. Em seguida friccionam-se muito bem com um pedaço de flanella, até estarem perfeitamente limpas; passam-se por um banho d'agua pura, e penduram-se ao abrigo do pó e do sol, até que estejam seccas.

Garantimos o bom resultado das operações aconselhadas.

AO MAR

As tuas ondas, mar, quando eu as vejo
Ora em murmurio placido rolando,
Ou, como féras bravas, meneando
O espumeo dôrso n'um fremente arquejo;

Por que anceiam? Que indomito desejo
As leva assim, em fugidio bando?
Que ignotas maguas ellas vão cantando
Ao darem no infinito o estreme beijo?

Ha por força um mysterio em teu destino,
O' mar! e um desejo insaciado
Que te move a esse eterno desatino...

Mas as vagas, que rolas uma a uma,
Só te trazem, no seio regelado,
Em vez do teu ideal, flócos de espuma!

Magalhães Fonseca.

AS NOSSAS GRAVURAS

PORTO DE LIBREVILLE NO GABÃO

A nossa gravura representa a aldeia de Libreville, no Gabão, que cerca varios edificios bem arejados e espaçosos, construidos á européa, taes como o hospital, o palacio do governador, um quartel, e a capella da Immaculada Conceição de Castres.

A fórma quadrangular d'estes edificios pesados, de tectos chatos, e a sua brancura, que contrasta com a verdura do meio arborisado da qual sahem, fazem com que elles sejam avistados de longe pelos navios que entram no rio com vento do largo.

Avenidas plantadas de coqueiros e d'arvores de pão enfeitam hoje Libreville.

INDIGENAS DO BIHÉ

Não são positivamente umas bellezas, mas teem actividade, sobre tudo as mulheres, que se entregam, como qualquer camponez europeu, aos mais rudes trabalhos agricolas.

Os homens são dados a viajar e atrevem-se a ir fazer com.

VAMOS, COCOTTE, VENHA LÁ ESSE BEIJO

mercio nos remotos sertões, onde traficam em marfim, cera e escravos. Alguns d'elles negoceiam com um credito de quatro e cinco contos de réis.

Para o biheno, em questões de viagens de trafico, nada é impossivel, e tudo lhe parece natural. Deixa com o maior despego o lar, e carregado com 30 kilogrammas de fazendas, vae para o sertão, onde se demora dois, tres e quatro annos, voltando em seguida a casa, ondé é recebido como se regressasse de uma viagem de tres dias.

Todavia, apezar das suas grandes qualidades, coragem e habito de viajar, os bihenos possuem grandes defeitos. Serpa Pinto diz que não conheceu em Africa povo mais profundamente viciado, mais abertamente depravado, mais duramente cruel, e mais sagazmente hypocrita.

A embriaguez é o seu vicio dominante. Como ainda não chega ali a aguardente, embebedam-se com *capata*, uma especie de cerveja feita de milho.

Tambem gostam de roubar, mas só o fazem dentro do seu paiz; fóra d'elle são incapazes de lançar mão do mais insignificante objecto.

Os indigenas do Bihé andam quasi nús, tendo por unico vestuario duas pequenas pelles, que pendem de um estreito cinto de couro

As mulheres, essas andam ainda um pouco menos cobertas!

UMA NOVELLA INTERESSANTE

A nossa gravura é copia d'um quadro de C. Gogin, exposto na galeria Dudley em Inglaterra. O assumpto é muito simples e explica-se por si mesmo. Uma dama, sem duvida mil vezes mais interessante que o romance que está lendo, acha-se de tal maneira absorvida por elle, que esquece tudo o que a rodeia. A attitude é elegante e natural, e os accessorios do quadro são introduzidos com tal arte, que revelam um esmerado gosto.

VAMOS, COCOTTE, VENHA LÁ ESSE BEIJO!

Este quadro encantador da vida militar é copia de uma pintura do sr. Janet Lange. Possue o cunho do seu talento e do seu espirito. Quem não tem visto como o habito faz com que se entendam, muito cordealmente, o homem e o irracional? E' raro que o soldado não seja amigo do seu cavallo, o qual lhe paga na mesma moeda, toda a vez que lhe forem espertando essa amizade com os presentes do estylo. A *cocotte* bem sabe que ali, nas algibeiras do cavalleiro, estão acepipes que ella adora: assucar, uma verdura fresca, um bollo. Se ella havia de hesitar em lhe dar um beijo! Como havia de o cavallo ser desinteressado, se o homem, o rei da creação, o é tão pouco!

PALACIO DO DUQUE DE AVEIRO, EM BELEM

Belem, esse sitio aprasivel onde principia a erguer-se a cidade de Lisboa, assim como abunda em monumentos de subida importancia historica e grande valor artistico, tambem recorda funestos acontecimentos, que serão condemnados pelo futuro, como o são pelo presente e o foram pelo passado.

O crime de 13 de janeiro de 1759, punido com a execução do marquez de Tavora e do duque d'Aveiro, deixou a praça de Belem envolta n'uma nuvem negra, que o perpassar de 126 annos não poude ainda de todo desvanecer.

A nossa estampa representa o palacio do ultimo d'aquelles cumplices, palacio que era situado em Belem, e que foi mandado demolir, em vindicta do crime a que alludimos, no anno citado de 1759.

A...

Tu sabes, tu sabes
O amor que eu te tenho,
Suavissima flôr!
Mas tens esse empenho
De rir d'este amor...
Emfim tu lá sabes!
Pois olha: não ha,
Em todo este mundo,
Amor mais sincero,
Amor mais profundo!
Tambem desespero
Como este não ha.
Eu sou como o cego...
Tu és o bordão
Que vae tacteando
As pedras do chão
Que eu sigo, hesitando,
Sem ver, como o cego...
Se tu me faltasses,
Lá ia o apêgo
A que hoje me abraço,
E o pobre do cego
Não dava um só passo,
Se tu lhe faltasses...
Eu já te não peço,
Em troca do meu,
Amor, o mais terno...
—Os astros do ceu
Não cabem no inferno,
Por isso, não peço...
Mas quando, de longe,
A's vezes, te sigo
N'um chôro sem fim,
Esse olhar amigo
Estende até mim
E... olha, de longe...
Pois dize: não é
Bem pouco exigente
O que eu te pedi? —
Eu fico contente
E lá para ti
E' muito? Não é...?

E. Coimbra.

EM VILLEGIATURA

Eva era uma creança adoravel, e, ao contrario da nossa loura mãe cujo nome usava, uma moreninha encantadora.

Nos seus rasgados olhos, escuros como o ebano, doudejava a travessura dos quinze annos. Os seus labios, puros como os anjos e vermelhos como dois pedacinhos de nacar, estavam sempre promptos para o sorriso,—um eterno sorriso de zombaria e candura, duas cousas heterogeneas, mas que muito realçavam aquelle rosto expressivo e bom, mixto de galhofa e suavidade que presuppunha uma indole despretenciosamente jovial e um coração generoso e meigo.

Tal era Eva, o enlevo de seu pae, que, não raras vezes, ao fital-a com ternura, a custo sustinha uma lagrima ardente, muda testemunha da saudade que a perda da esposa estremecida deixara no seu coração amantissimo.

O conselheiro via n'aquelle anjo o doce esteio dos seus ultimos dias, esquecendo-se, no seu egoismo paternal, de que a creança devia um dia ser mulher!

Eva tinha um irmão, bello rapaz em todo o ardor dos seus vinte annos já completos. Ao contrario de sua irmã, Carlos era concentrado e melancolico, mas affavel e bondoso como ella.

* * *

Estava-se no fim do verão. O conselheiro experimentava a necessidade das manhãs balsamicas dos campos; era preciso dar um momento de repouso ao cerebro que elle por mais de uma vez sentira esvair-se nos intrincados meandros da politica tempestuosa.

Eva, assentada nos joelhos de seu pae e acariciando-lhe meigamente as grisalhas suissas, fazia-lhe vêr que tinha muitas saudades dos seus queridos passaritos, que deixara pipitando nas balseiras.

Um bello dia prepararam-se as malas, e a familia partiu para uma deliciosa *villa* que o conselheiro possuia nos arredores do Minho.

* * *

Acompanharemos os nossos tres personagens a essas abençadas paragens bordadas de graciosas *cottages*, entre as quaes campeava a *villa* do conselheiro, encantadora vivenda, onde havia que admirar a arte e o bom gosto.

A manhã surgira, ha muito, impregnada de frescura e de aromas.

Eva descera ao parque, munida de dois delicados açafates de verga, que depois encheria de morangos e flores. Era o seu divertimento favorito!...

Quando ainda todos estavam deitados, a moreninha levantava-se, procurando não fazer muito ruido, vestia um *deshabillé* de elegante simplicidade, punha o seu chapellinho de palha, e ella ahi ia, radiosa de frescura e louçanias, recomeçar a sua exploração matinal pelos canteiros odoriferos do jardim!

A avenida principal do parque, magestosa com os seus dois renques de eucaliptus altaneiros, abria-se lá muito ao longe, em um vasto caramanchão, recinto perfumado e umbroso, que poetas e namorados escolheriam para os seus devaneios bucolicos e madrigalescos idyllios.

De facto, quem não se sentiria bem alli, n'aquelle ninho balsamico de poesia e solidão, onde o emmaranhado das trepadeiras

esboçava os mais phantasiosos arabescos n'um ceo de verdura; onde as rozas silvestres, os jasmins e os lilazes punham os seus avelludados esmaltes nos canniços eriçados de vicejantes latadas; onde a frescura aromatica do laranjal, os perfumes delicados das plantas exoticas vegetando em caixas arrelvadas, e o trinar mavioso dos passaritos enchiam o ambiente morno das vagas fluctuações d'essa harmonia melancolica dos campos?

Pois bem, é n'aquelle poetico retiro que vamos encontrar a interessante filha do conselheiro, assentada n'um dos muitos bancos que por alli havia. Meditava.

Os grandes olhos escuros e profundos, habitualmente animados pelas faiscações irrequietas da adolescencia, fitavam se agora, com fixidez scismadora, n'um ponto immutavel do espaço; os labios tinham perdido o sorriso; as flores, em cujos calices assetinados tremeluzia o crystal purissimo do orvalho, jaziam esquecidas no fundo do açafate. Pobres, abandonadas, dir-se-ia chorarem a ingratidão das mãosinhas caprichosas que as tinham arrancado ao seio creador da terra!

De repente vibrou nas immediações do caramanchão o som argentino de uma voz feminina:

—Olhe, meu tio, alli a temos.

Eva nos primeiros momentos ficou como que assustada, mas voltando logo a cabecita juvenil, reconheceu seu pae, que se aproximava, dando o braço a uma joven bonita como uma virgem de Murillo e flexivel como o vime.

A filha do conselheiro pegou apressadamente nos cestinhos e correu para os dois personagens.

—Bons dias, papá, bons dias Laurinha!

E, acto continuo, o papá e a priminha foram mimoseados com dois formidaveis beijos.

—Ah! minha endiabrada pequerrucha, sempre me pregaste uma peça! .. O que estava fazendo por estes sitios, emquanto seu pae principiava a inquietar-se muito seriamente com toda esta demora?!...

O conselheiro julgou dever adubar esta phrase final com uns laivosinhos de severidade, o que, seja dito em linha de conta, lhe era muito difficil sempre que se dirigia a sua filha.

—O papá, tambem, inquieta-se por muito pouco!... Bem sabe que não é esta a primeira vez que recolho mais tarde dos meus passeios matinaes, e que por aqui não corro o risco de ser devorada por um leão!... Afinal a demora de hoje foi... por causa de um melro!... Se o visse, papá! Era a avesita mais gentil que tenho visto... E depois cantava tão lindamente!... E tu, Laurinha? Estás hoje tão triste!... Não sei onde irás parar, minha querida... Mas deixa, que eu tomarei á minha conta a tua conversão!...

O conselheiro achou infinita graça ao discurso da filha, e esqueceu-se das suas inquietações.

E digam-nos agora se as metallisações crystallinas de uma voz impregnada das *nuances* encantadoras da adolescencia, a vivacidade adoravel dos gestos, o sorrir buliçoso de uns labios de coral, o lume acariciador de dois olhos profundos e bellos, não serão encantos mais que sufficientes para formar uma deliciosa *corbeille*, capaz de fazer esquecer a um pae o peccadilho ligeiro da filha?... Bem vêem, pois, que é forçoso dar rasão ao conselheiro.

*
* *

Mas deixemos agora o feliz pae entretendo-se a olhar para os moinhos que se recortam lá ao longe nas brumas azuladas do horisonte, e vamos ter com as duas priminhas, que seguem em caminho de casa.

Fallam em voz baixa. Que intimas confidencias se trocarão entre aquellas duas almas, uma das quaes nós já conhecemos como o sanctuario da candura? O que se dirá n'aquelle roçagar imperceptivel de labios, atravez dos quaes perpassam as palavras, como o ciciar dubio da brisa?...

Ouçamos.

—Percebes, minha Laura, era preciso que o papá de nada suspeitasse...

—Másinha! E foste então inventar o melro ..

—Não achas que fiz bem?

—Não sei... não comprehendo.. não adivinho o que tu queres occultar!... Afinal, o que estavas fazendo n'um sitio tão solitario?

—Pensava!

—Meu Deus, com que seriedade tu dizes esse disparate!...

—Não é tal disparate!... Mas escuta, e vaes comprehender tudo. Lembras-te, sem duvida, d'aquelle louro viscondesinho, o Alberto. Mas que é isso?... O que tens tu?... Vejo-te empallidecer!...

—Não é nada... uma simples vertigem! Mas continúa. Dizias que o visconde...

—Partiu ha tempo para o estrangeiro.

—Bem sei. O visconde vendo-se só no mundo, sem affeições de familia, deixou Portugal ha dois mezes e procura, talvez, em outras regiões a cura das suas maguas. Infeliz rapaz! . Se não me engano, está presentemente em Genebra.

—E' verdade. Mas como sabes?...

—Foi em Lisboa, na tua casa da Estrella. Um dia, por acaso, deparou-se-me um sobrescripto em cima do *guéridon*. Reconheci involuntariamente a letra de Alberto e o carimbo de Genebra. Ahi tens explicado o mysterio.

E sorriu docemente.

—Ah, Laurinha! .. E' tambem de cartas que vou fallar-te!

—Explica-te.

—Como sabes, a mais perfeita amisade unia meu irmão a Alberto. Era um gosto vêr como aquellas duas almas se comprehendiam! Infelizmente o destino separou os dois amigos. Hoje, longe um do outro, correspondem-se a miudo. O visconde escreve muitas cartas a Carlos, mas essas cartas...

—Essas cartas...

—São guardadas por meu irmão com o maximo cuidado! Se visses a solicitude com que elle as esconde da minha vista e da do papá!... Para as lêr, fecha-se sempre no seu quarto, e sepulta-as depois n'um cofresinho, de que só elle tem a chave!—«Porque não nos lês uma carta do nosso amigo?» lhe pergunto eu muitas vezes. E elle responde-me seccamente:—«Para quê?... Não te é bastante saberes que elle está bom de saude?!» Hontem fui eu que recebi a correspondencia; entre ella vinha uma carta do visconde. Offerecia-se o ensejo de satisfazer a minha curiosidade!. Que tentação, minha Laura! Hesitei por algum tempo... mas afinal, venceu a curiosidade!... Ia já rasgar o sobrescripto, quando ouvi a voz de Carlos, por traz de mim—«Eva, que ias fazer?... Dá-me essa carta!... «Dize-me agora, Laurinha, não vês em tudo isto um mysterio?... Que cousas poderá escrever Alberto que justifiquem o procedimento extraordinario de meu irmão?... Elle, que nunca tinha segredos para mim! Ahi está em que eu pensava ainda agora, no caramanchão. Procurava tambem...

Interrompeu-se como que envergonhada do que ia dizer.

—E se tu me censurasses?...

—Eu!... Não sei porque!...

Fallando assim, Laura estava mais animada do que habitualmente.

—Meditei na maneira de me aproximar do cofre e abril-o!... Parece-me que achei!

Isto foi dito em voz tão baixa, que Laura antes adivinhou do que ouviu.

—Achaste? ..

—Sim... mas chegámos!... Logo te contarei!...

*
* *

Consagremos algumas palavras á sympathica Laura, ou por outra, façamos a sua apresentação aos nossos leitores.

A filha do commendador Murtosa era um seraphim de vinte annos. A coma dourada dos cabellos servia de moldura á oval correctissima do rosto, como que recortado n'um pedaço de marmore. Um rosto incomparavel, onde tudo era encantador, desde a regularidade grega do nariz, de roseas cartilagens, até á configuração da fronte, ampla e intelligente; desde a alvura purissima da cutis até á purpura humedecida dos labios. E os grandes olhos idealmente garços e scismadores, onde o azul immaculado de um céo de primavera punha os tons aerios das cousas celestes; e a perfeição irresistivel do cóllo, moldado em alabastro; e a linha virginal do seio; e a curva arrebatadora da cintura, que poderia dobrar-se nas mãos ao mais debil esforço?!...

Como Galathéia surgindo repentinamente do marmore de uma estatua, a candida Laura dir-se-hia a personificação de uma madonna do immortal Raphael!

E comtudo, ella não era feliz! Havia um pezar intimo que apertava aquelle coração de ouro, albergue dos mais castos e acrisolados sentimentos.

E mais angelica parecia quando fitava o céo, com a poesia ineffavel do seu doce olhar, quando fallava com a sua voz repassada de melancolia, vaga e etherea como um sonho da mocidade!...

Laura, como sua prima, era orphã de mãe.

Muito perto das propriedades do conselheiro notava-se a pittoresca *villa* do commendador Murtosa, pae de Laura.

Era alli que o tio de Eva costumava veranear na doce companhia de sua filha.

*
* *

E' á tardinha. O sol desce galharda e magestosamente, tingindo de purpura as nuvens encastelladas caprichosamente no horisonte. A brisa vespertina canta suavemente na deveza. Bandos alados de aves altaneiras atravessam velozmente as camadas do ar, engolphando-se no ether insondavel. Assentados á sombra do parreiral, por cima da porta do jardim, estão o conselheiro e o commendador, embebidos n'uma partida difficil de xadrez.

Subamos ao primeiro andar e penetremos n'um gabinetesinho de toilette, perfumado, e elegantemente forrado de setim azul. Estão lá duas jovens que o leitor muito bem conhece.

Vêde-as alli, a moreninha e a loura, graciosamente reclina-

das nos commodos estofos de um divan, unidas as cabecitas scintillantes, sobre uma carta que vão principiar a ler.

Eva está commovida. Vai emfim satisfazer a sua curiosidade infantil, despertada por o que ella suppõe um mysterio. Poude haver ás mãos o precioso maçinho de cartas...

São do visconde as linhas em que ella tem cravados os olhos.

Carlos foi á caça das codornizes... nada saberá!... E não obstante... se elle apparecesse de repente n'aquella bocetasinha do *boudoir*!...—«Seria horrivel!...» diz ella baixinho. E sente o pulsar apressado do coração atravez o corpete rosa do vestido.

Laura está talvez menos commovida do que sua prima, mas o brilho phosphorico dos olhos suppõe algum phenomeno intimo, que a nós, por emquanto, não é licito adivinhar.

Eva encetou a leitura da primeira carta. Ao principio nada de notavel, a não ser o estylo tetrico das almas solitarias.

Paginas tristes onde cada palavra representa um gemido e cada linha o pungir dilacerante de uma amargura!... Quantas lagrimas ardentes espalhadas sobre o papel, emquanto o punho tremulo esboçava aquellas phrases cheias de desconforto, ás vezes vagas e incertas, outras vezes exprimindo um desengano, e logo desenvolvendo-se n'um sorriso,—o sorriso arido do que se fez sceptico no desvairamento da dor!... Imagine-se o effeito que tal leitura iria produzir nas almas das duas jovens, facilmente impressionaveis! Eva, que desconhecia inteiramente aquelles dramas de coração, chegou a perguntar a Laura se era possivel que um homem só arrostasse com tamanho soffrimento!

* * *

A filha do conselheiro proseguia a leitura da carta, que era bastante extensa, quando um sobresalto da sua companheira a fez interromper. Como olhasse para esta um pouco admirada, Laura disse-lhe febrilmente:

— Continúa... continúa!

Eis o que Eva leu:

....

«Amar...ser amado!... Eis a suprema consolação do triste!»

«Eu sentia no peito o estrebuchar do meu pobre coração dilacerado pelo peso esmagador da desdita! A perda das minhas mais queridas affeições, unicos laços que me prendiam a este mundo de desenganos, tornara a minha alma n'um deserto!..

Accudiam-me então á mente abrazada, aquellas palavras de um poeta, onde, louco que era! julgava descortinar a perfumada esperança de um futuro melhor!...

E mais adiante:

«Uma noite vi-a em sonhos...a ella, que me apparecia como uma visão celestial, intangivel, desdobrando-se-lhe os labios virginaes no sorriso da paz e do conforto, inebriando-me com o fluido divino do seu doce olhar, que me fazia entrever o céo!...

Desde então principiei a amal-a com delirio, com extasis, com o doido phrenesi dos que teêm o coração ermo de affectos!

Elaborava já no meu cerebro ardente grandes declarações cheias de paixão e de fogo, confiando nos recursos do meu espirito, ai de mim! abatido, definhado, enfraquecido nos rudes embates de uma vida tempestuosa!... Mais outra profunda decepção . mais outro engano desgraçado!

Por isso, junto d'ella sentia-me pequeno, timido, acanhado como uma creança! Sempre que os meus labios iam proferir a primeira palavra de amor, erguia-se ameaçador, imperativo, o grito da consciencia:

«Misero egoista, que vais fazer?... Com que direito queres unir o teu destino implacavel ao d'essa loura creança, que só conhece da vida o que ella tem de encantador e florido? .. Não reparas que o teu casamento custaria uma victima... pobre martyr que tu envenenarias lentamente com o sôpro lethal d'essa tristeza eterna que devastou a tua existencia?!... Vai-te! vai-te! .. Qual outro Judeu Errante, é tua sorte vaguear sem limites, até que o Dedo de Deus te aponte na vida do espirito a felicidade que não encontras n'este mundo!...

E fugi para longe... louco, desorientado, perdido para sempre!...»

....

Seguiam-se algumas linhas, que nada nos interessam, e por fim, terminava:

«E', porém, chegado o momento de te dizer o seu nome. Supplico-te que nunca deixes transpirar este segredo que eu quero sepultar commigo.

«*Ella*... chama-se Laura, e é tua prima!!...»

* * *

A filha do conselheiro volveu os olhos interrogadores para a sua companheira e ficou impressionadissima com a singular mudança que se operara na linda priminha.

Os pallidos lirios das faces tinham desapparecido sob o affogueado velludoso das mais encantadoras rosas: a ventura, a felicidade infinita, o amor corria-lhe no olhar luminoso e profundo, no sorriso de indisivel ternura, nos anhelitos descompassados do seio esculptural!....

Desfizera-se, emfim, a duvida atroz, o pensamento amargo que a definhava dia a dia, fanando as perfumadas flores da sua mocidade!

Antevia já, no azul sidereo das suas esperanças, a gratissima aurora de um futuro refulgente das primicias do amor!...

Era feliz... porque se sentia amada!...

—Ah!... exclamou então Eva, com adoravel vivacidade. Tudo comprehendo!...

Com que então... amavam-se?!...

Laura não respondeu; estava commovidissima. O gozo intimo que n'este momento experimentava, punha-lhe nos labios um sorriso ineffavel, terno, suavissimo...

—Amavam-se... sem nada dizerem um ao outro!... Que toleima... e que namorados! Elle entretendo o tempo a escrever cartas dramaticas... a um amigo! E ella... triste, triste até á semsaboria!... Se é isso o tal amor que para ahi nos pintam, nunca desejarei amar... estou assim muitissimo melhor!... Mas dize-me, Laurinha, porque foi sempre esse mysterio para mim?... Porque não me confiavas as tuas maguas?

—E' que eu... sonhava!

Eva poz-se a reflectir.

—E agora és feliz?... perguntou ella ao cabo de alguns momentos de silencio.

—Oh... muito!...

—E' preciso que o sejas completamente!

Laura interrogou Eva com o olhar.

—*Elle* está longe... mas se voltasse!...

—Eva...

—Se te desposasse brevemente...

—Enlouqueceste!... Bem sabes que é impossivel!...

E as faces de Laura tingiam-se de vivo carmim.

(Conclue.) DUARTE CID.

PALACIO DO DUQUE DE AVEIRO, EM BELEM

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA